



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRO-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A**  
**DISTÂNCIA - PROEAD**  
**PEDAGOGIA PARFOR/CAPE/UEPB**

**LUCINEIDE AMARO DA SILVA**

**DIFICULDADE NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DOS**  
**ALUNOS DA EJA**

**GUARABIRA PB**

**2014**

**LUCINEIDE AMARO DA SILVA**

**AS DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA  
LEITURA**

Trabalho Monográfico, Apresentado ao Curso de  
Pedagogia-PARFOR pela Universidade Estadual  
da Paraíba – UEPB. Como Requisito para  
Obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.  
Sob a Orientação da Professora Ms. Luana Lima.

**GUARABIRA PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Lucineide Amaro da  
As dificuldades de ensino e aprendizagem na leitura  
[manuscrito] : / Lucineide Amaro da Silva. - 2014.  
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.,  
Secretaria de Educação à Distância".

"

1. EJA. 2. Dificuldade no desenvolvimento da leitura. I.  
Título.

21. ed. CDD 372.4

**LUCINEIDE AMARO DA SILVA**

**AS DIFICULDADES DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA  
LEITURA**

Aprovada em 02 de Agosto 2014

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

Profª Ms. Luana Lima

ORIENTADORA  
(UEPB)



---

Profº Dr. Belarmino Mariano Neto

EXAMINADOR  
(UEPB)



---

Profª Drª Taisés Araújo

EXAMINADORA

(UEPB)

**GUARABIRA PB**

**2014**

## AGRADECIMENTO

A Deus em primeiro lugar por estar comigo todos os momentos da minha vida. Agradeço aos professores José Otávio, Mônica e a Luana, por terem me orientado. Agradeço a Raquel pela atenção e disponibilidade na reta final.

## **DEDICO**

A minha mãe Lindalva Santos, ao meu marido Marinaldo Amaro, a minha irmã Lucicleide Santos e a minha filha Luclecia Amaro.

A leitura é considerada um ato interativo [...] quando mediante a interação intimidante de diversos níveis, como o conhecimento linguístico, o textual e o conhecimento de mundo, o leitor constrói pelo próprio conhecimento prévio e interações com o mundo. O texto, o artigo, a revista ou o livro, em para interagir, ajudar, auxiliar e mostrar novos rumos na construção do sentido do texto escrito para o leitor. KLEIMAN (200, P. 13).

## **RESUMO**

O presente trabalho refere-se a realidade da educação de jovens e adultos (EJA) na zona rural de Cuitegi. O universo pesquisado é a Escola Municipal Carolina de Farias Pimentel. A pesquisa aponta a dificuldade no desenvolvimento da leitura dos alunos da EJA. A educação de jovens e adultos, enquanto modalidade da Educação Básica atende um perfil de educandos diversificados e heterogêneos. É comum os professores, por estarem inseridos nesse cotidiano escolar, retratarem uma realidade de insegurança, medo, angústia e sentirem-se incapazes de dar conta de um processo de ensino/ aprendizagem de qualidade e transformador. Temos como objetivo geral: Analisar os fatores que dificultam o desenvolvimento da aprendizagem na leitura dos alunos da educação de jovens e adultos. E como objetivos específicos: Identificar a relação entre as práticas de leitura e os processos de aprendizagem dos alunos; Diagnosticar os problemas que interferem no desenvolvimento da leitura. Utilizamos para a realização dessa pesquisa, foi feita inicialmente uma visita à escola, de forma a identificar o objetivo da pesquisa, identificando a dificuldade que o aluno de EJA apresenta ao desenvolver a leitura. Com base em nossas pesquisas percebemos que a Educação de Jovens e Adultos na zona rural, ainda é escassa. O que exige do professor um olhar mais detalhado sobre os interesses e da cultura dos educandos. Pois, na maioria das vezes os professores não pertencem aquela localidade, vivem na cidade e deslocam-se até lá para trabalhar. Dessa forma dificulta o processo ensino e aprendizado na educação de jovens e adultos.

**PALAVRAS - CHAVE: EJA; Dificuldade no desenvolvimento da leitura.**



## **ABSTRACT**

The present work refers to the reality of youth and adult education (EJA) in rural Cuitegi. The universe is researched Municipal School Carolina Farias Pimentel. The research points to the difficulty in reading development of students in adult education. The education of youth and adults, as a method of Basic Education serves a profile of diverse and heterogeneous learners. It is common for teachers, because they are inserted in daily school, portray the reality of insecurity, fear, anxiety and feeling unable to give an account of a teaching / learning quality and transformer. We have a general objective: To analyze the factors that hinder the development of learning in reading of the youth and adult education. And how specific objectives: Identify the relationship between the practices of reading and learning processes of students; Diagnose problems that interfere with reading development. Used for this survey was initially a visit to the school in order to identify the purpose of the research, identifying the difficulty the student has to develop EJA reading. Based on our research we realized that Education for Youth and Adults in rural areas, is still scarce. What requires the teacher a more detailed look at the interests and culture of the students. For the most part teachers do not belong to that location, live in the city and move there to work. Thus hampers the teaching and learning in youth and adult education.

**KEY - WORDS:** EJA; Difficulty in reading development.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>10</b>
2.1. Um breve olhar sobre a história da EJA no Brasil .....	10
2.2. Letramento, Alfabetização, conceito da EJA: .....	13
2.3. Alfabetização e os métodos da EJA .....	15
2.4. O Processo Ensino-Aprendizagem .....	18
2.4.1 Concepções do Processo Ensino -Aprendizagem .....	19
2.5. Alguns desafios .....	20
2.5.1 Como acontece o Processo de Alfabetização e Letramento na EJA .....	20
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
3.1. Procedimentos .....	22
3.2. Sujeito: .....	22
3.3. Diagnóstico da Escola .....	23
3.3.1. Estrutura Física de Organização da Escola .....	23
3.4. Recursos didáticos e Equipamentos disponíveis .....	23
3.5. Instrumento .....	24
3.5.1. Análise da pesquisa .....	24
<b>4. RESULTADO E DISCUSSÃO .....</b>	<b>25</b>
4.1. Depoimento do professor .....	25
4.2. Depoimento dos alunos .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são de fundamental importância, pois está presente no nosso dia-a-dia. No entanto somos cobrados pela sociedade por termos dificuldade de desenvolvê-la. Pois o ensino da EJA nos dar a possibilidade de uma leitura crítica da realidade, constitui-se com um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida.

A constatação da exigência de uma prática de leitura, ainda é bastante confusa ou quase existente na educação de jovens e adultos.

Portanto se desejamos garantir aos jovens e adultos a compreensão de saberes necessário ao seu desenvolvimento por inteiro, a leitura devera ter sua concepção revista, valorizada e bem mais trabalhada nos espaços educativos da EJA.

A leitura nos mantém informados nos proporcionando melhor condição de desenvolvermos como ser humano, que possa adquirir e desenvolver formas de participação, consideradas adequadas para os espaços sociais públicos, e assim se tornará cidadão.

Ler e escrever são umas das manifestações criativas do ser humano já que envolve leitura de mundo, suas experiências de vida, suas habilidades, interpretativas e todos os conhecimentos formais.

Para Soares (2005, P. 48). “Ler é um desenvolvimento de habilidades e comportamento que se entendem desde simplistamente decodificar sílabas ou palavras até ler grande sertão veredas de Guimarães Rosa...”.

Segundo Kato (1985, P. 87) “[...] a leitura pode ser entendido como um conjunto de habilidades que envolvem estratégia de vários tipos.” Dentre estas estratégias, ressalta-se a percepção inicial da intencionalidade do autor, a relação dos conteúdos propostos pelo texto com o universo cognitivo do leitor, a inferir o significado e o efeito pretendido pelo autor.

É lendo que conquistamos o domínio da língua escrita, depósito vivo do pensamento e da criatividade. É lendo que conseguimos compreender as opiniões dos outros, aprendemos a raciocinar por conta própria, a julgar com maturidade, a desenvolver argumentos para defender ou criticar acontecimentos e condutas.

Para a realização desse estudo científico, utilizamos os seguintes métodos de pesquisa. Primeiramente, encaminhe minhas investigações através de leitura de livros didáticos, internet, artigos científicos, diálogos e discussões com professor atuante em sala de aula e alunos da EJA.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. Um breve olhar sobre a história da EJA no Brasil**

A partir de 1940 começou-se a destacar altos índices de Analfabetismo nos países, o que acarretou a decisão do governo. No sentido de criar um fundo destinado a alfabetização da população adulta analfabeta. Em 1945, com o fim da ditadura de Vargas, iniciou-se um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos nos países. Com a criação da UNESCO (organização das nações unidas para a educação, ciências e cultura), ocorreu então por parte desta, a solicitação aos países integrantes (e entre eles, o Brasil) de se educar adultos e analfabetos. Devido a isso, em 1947, o governo lançou a 1ª campanha de educação de adultos, propondo; alfabetização dos adultos analfabetos do país em três meses, oferecimento de um curso primário em duas etapas de sete meses, a capacitação profissional e o desenvolvimento comunitário.

Abriu-se, então, a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. Nesse analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) do escasso desenvolvimento brasileiro. Além disso, o adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicológica e socialmente, submetida à minoridade econômica, política e jurídica, não podendo, então, votar ou ser votado (CUNHA, 1999).

Assim, muitas críticas foram sendo feitas ao método de alfabetização adotado para a população adulta nessa campanha, como as precárias condições de funcionamento das aulas, a baixa frequência e aproveitamento dos alunos, a má remuneração e desqualificação dos professores, inadequação do programa e do material didático para tal.

Ao final da década de 50 e início da década 60, iniciou-se então, uma intensa mobilização da sociedade civil em torno das reformas de base, o que contribuiu para as mudanças das iniciativas públicas na educação de adulto. Incentivar a articulação e a parceria de diversos atores sociais, como expressa o Relatório do MEC/ Secretaria de Ensino Fundamental/ Agenda para o Futuro (1998, p. 97):

Desenvolver a educação de adultos exige uma ação de parceria entre os poderes públicos em diferentes setores, as organizações inter-governamentais e não governamentais, os empregadores e os sindicatos, as universidades e centros de pesquisa, os meios de comunicação, as associações e os movimentos comunitários os facilitadores da educação de adultos e os próprios aprendizes.

Desse modo, para desenvolver a educação de adultos com os diferentes atores sociais, faz-se necessária a criação de um espaço suprapartidário e interinstitucional no qual se possam discutir questões referentes a essa modalidade de educação.

Uma nova visão sobre o problema do analfabetismo foi surgindo, junto a consolidação de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos, que tinha como principal referencia Paulo Freire. Surgiu um novo paradigma pedagógico Um novo entendimento da relação entre problemática educacional e problemática social. O analfabetismo, que antes era apontado como causa da pobreza e da marginalização. Passa a ser, então, interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social e não igualitária (soares, 1996).

Na estrutura social que produzia o analfabetismo, através da educação de base, partindo de um exame crítico da realidade existencial dos educandos. Na percepção de Paulo freire, portanto a educação e alfabetização se confundem, alfabetização é o domínio de técnicas para escrever e ler em termos conscientes e resulta numa postura atuante do homem sobre seu contexto. Essas ideias de Paulo freire se expandiram nos pais e este foi reconhecido nacionalmente por seu trabalho com a educação popular e, A ideia que foi surgindo foi a de que o processo educativo deveria interferir mais pacificamente, com a educação de adultos.

Na década de 70, ocorreu então a expansão do MOBRAL, em termos territoriais e de comunidade, iniciando-se uma proposta de educação integrada, que objetivava a conclusão do antigo curso primário. Paralelamente, porém, alguns grupos que atuavam na educação popular continuaram a alfabetização de adultos dentro da linha mais criativa. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71, implantou-se o Ensino Supletivo, sendo dedicado um capítulo específico para a EJA. Esta Lei limitou o dever do Estado á faixa etária dos sete aos 14 anos, mas reconheceu a educação de adultos como um direito de cidadania, o que pode ser considerado um avanço para a área da EJA nos pais.

Em 1974, o MEC propôs a implantação dos Centros de Estudos Supletivos (CES), que se organizavam com o trinômio tempo, custo e efetividade. Nos anos 80, com a abertura política, as experiências paralelas de alfabetização, desenvolvidas dentro de um formato mais crítico, ganharam corpo.

Em 1985, o MOBRAL foi extinto e surgiu, em seu lugar, a Fundação EDUCAR, que abriu mão de executar diretamente os projetos e passou a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas existentes. De acordo com CUNHA (1999).

A década de 80 foi marcada pela difusão das pesquisas sobre língua escrita com reflexos positivos na alfabetização de adultos. Em 1988, foi promulgada a Constituição, que

ampliou o dever do Estado para com a EJA, garantindo o ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos.

Nos anos 90, o desafio da EJA passou a ser o estabelecimento de uma política e de metodologias criativas, com a universalização do ensino fundamental de qualidade. Em nível internacional, ocorreu um crescente reconhecimento da importância da EJA para o fortalecimento da cidadania e da formação cultural da população.

Em 1996, ocorreu uma intensa mobilização incentivada pelo MEC UNESCO, como forma de preparação para a V CONFITEA. O MEC instituiu-o, então, uma Comissão Nacional de EJA, para incrementar essa mobilização.

Em 1997, a UNESCO convocou SEEs, SMEs, Universidades e ONG's para a preparação da V CONFITEA, através da área de EJA. Em 1998, os mineiros implantaram seu Fórum Estadual. No mesmo ano, a Paraíba e o Rio Grande do Norte fizeram o mesmo.

Em 1999, ocorreu o 1º ENEJA, no Rio de Janeiro, onde participaram os Fóruns do Rio, de Minas, do Espírito Santo, do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Esse encontro acabou sendo um estímulo para o surgimento de outros Fóruns.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9334/96 Propôs, em seu artigo 30, a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, a garantia de padrão de qualidade, a valorização da experiência extra escolar e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Na década de 90 o governo se desobrigou de articular a política nacional de EJA, incumbindo os municípios disso. Nesse momento, então, inúmeras iniciativas vão emergindo, ocorrendo parcerias entre municípios, ONG's e Universidade. Surgem, então, nesse contexto, os Fóruns de EJA, como espaços de encontros e ações em parceria entre os diversos segmentos envolvidos com a área, com o poder publicam (administração públicas municipais, estaduais e federais), com as universidades, sistema S, ONG's, movimentos sociais, sindicatos, grupos populares, educadores educandos.

“Os espaços criados pelos fóruns, sem duvida, constituem-se em ‘contra fogos’ para os envolvidos na difícil tarefa de fazer historia através da educação” (ANDRADE et al.1999).

Esses Fóruns têm como objetivo, dentre outros, a troca de experiências e o dialogo entre as instituições. De acordo com Soares (2004), os fóruns são movimentos que articulam instituições, socializam iniciativas e intervém na elaboração de políticas e ações da área de EJA. Estes ocorrem no movimento nacional, com o objetivo de interlocução com organismos governamentais para intervir na elaboração de políticas publicas.

O surgimento dos fóruns se dá de formas diferentes em todos os estados. Em Alagoas o fórum estadual surgiu antes da década de 90, como um coletivo de educação popular e, em 1990, como fórum estadual propriamente dito. No distrito federal forma-se, em 1990, um grupo de trabalho coletivo de alfabetização de adultos, e somente em 2003, forma-se o fórum estadual. Em Pernambuco, acontece uma articulação pela a educação de adultos. Porém o Rio de Janeiro é o primeiro estado a criar um fórum Estadual da EJA. Em 2001, foi organizada, em Brasília, uma reunião para compreender os desafios dos fóruns, patrocinada pela RAAAB. Desta conclui-se que os fóruns de EJA têm objetivo de socializar informações e trocar experiências, sendo um espaço de pluralidade.

Com o surgimento dos fóruns, então a partir de 1997, a história da EJA passa a ser registrada num boletim da ação Educativa, que socializa uma agenda dos fóruns e relatórios dos ENEJAS. De 1999 a 2000, então, os fóruns passam a marcar presença nas audiências no Conselho Nacional de Educação para discutir as diretrizes curriculares para EJA. Em alguns estados, ainda, passam a participar da elaboração das diretrizes estaduais e alguns municípios, participaram da regulamentação municipal da EJA. Além disso, a secretaria da erradicação do analfabetismo instituiu uma Comissão Nacional de Alfabetização e solicitou aos fóruns uma representação. Os fóruns, portanto, têm sido um interlocutor da EJA no cenário nacional, contribuindo para a discussão e o aprofundamento do que seja a EJA no Brasil (SOARES, 2004).

## **2.2. Letramento, Alfabetização, conceito da EJA:**

Letramento são palavras e conceitos recentes, introduzido na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamento e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

Constituiu um processo plural, amplo que engloba a alfabetização, mas não se deduz a ela; ou letramento seja, comporta os eventos de participação dos indivíduos nos meios de interação social, mediada pela escrita. (...), entendemos que o aprendiz já traz consigo um leque de experiências advindas das relações como a família e comunidade, ou seja, temos um sujeito letrado que detém uma oralidade secundária e, por assim ser,

encontra-se plenamente apto a desenvolver a escrita formal através da agência escolar do letramento. Silva (2006, p. 44).

Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquiridos visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar, no sentido tradicional a criança ou o adulto. Em primeiro momento, essa visibilidade traduziu-se em uma adjetivação da palavra alfabética – alfabetização funcional tornou-se expressão bastante difundida ou em tentativas de ampliação do significado de alfabetização/alfabetizar por meio de alfabetizações como alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever, alfabetizar é muito mais que ensinar a codificar e decodificar.

Para Paulo Freire (1983), alfabetizar não pode se restringir aos processos de codificação e decodificação. Dessa forma o objetivo da alfabetização de adultos é promover a conscientização acerca dos problemas cotidianos, a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social.

1. No entanto, o conceito de alfabetização, para Paulo Freire (1991) tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, em quanto prática discursiva possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento do resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social Freire, (1991. P. 68). Ele defendia a ideia de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, fundamentando-se na antropologia: O ser humano, muito antes de inventar códigos linguísticos, já lia seu mundo.

É necessário reconhecer que alfabetização é entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita, distinguindo-se do letramento, entendido. Como um desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais. O mercado de trabalho e a sociedade, hoje exige que a pessoa saiba ler e escrever para que dele participe.

Ser alfabetizado hoje é desempenhar um conjunto de atividades associadas ao uso prático. Por exemplo, saber ler uma bula, escrever uma lista de compras ou aprender um formulário, atividades que o indivíduo, mais adaptado à sociedade. (PASSAS, 1999, P.30).

A leitura e a escrita é uma forma de comunicação, ajuda o ser humano a interagir com o mundo e com os outros.



### 2.3. Alfabetização e os métodos da EJA

Durante muito tempo a alfabetização foi entendida como mera sistematização do  $B+A=BA$ , isto é, como a aquisição de um código fundado na relação entre fenômenos e grafemas.

Em uma sociedade constituindo em grande parte por analfabetos e marcadas por reduzidas práticas de leitura e escrita, a simples consciência fonológica que permitia aos sujeitos associar sons e letras para produzir, interpretar palavras ou frases curtas, parecia ser o suficiente para diferenciar o alfabetizado do analfabeto. Com o tempo, a superação do analfabeto em massa e a crescente complexibilidade de nossas sociedades fazem surgir maiores e mais variadas práticas de uso da língua escrita.

Tão forte são os apelos que o mundo letrado exercer sobre as pessoas, que já não lhe basta à capacidade de desenhar letras ou decifrar código da leitura.

Seguindo a mesma trajetória dos países desenvolvidos, o final do século XXI.

Impôs a praticamente todos os povos a exigência da meta de conhecimento desejável, mas como verdadeira condição para a sobrevivência e a conquista da cidadania.

Ao longo da nossa história desde que as classes populares tiveram acesso a escola viemos travando batalhas para descobrir a melhor alternativa de alfabetizar crianças, jovens e adultos. Durante muito tempo, esses esforços tiveram relacionados a métodos supostamente facilitadores no desenvolvimento da capacidade de codificações da leitura e da escrita, todos sem exceção, foram criados para tornar o professor capaz de ensinar, e o aluno capaz de aprender.

Ainda hoje, utilizam-se os métodos seculares de alfabetização que já foram amplamente criticados.

No intuito de tornar as práticas de alfabetizadores da EJA explicáveis, retomo aqui aos pressupostos teóricos que dão forma aos métodos utilizados nos espaços das salas de aula da alfabetização da EJA.

Em pesquisa, Senna (1995) descreve três paradigmas básicos de alfabetização tomados desde o ponto de vista da ciência da linguagem. O mecanicista, o linguístico e o semanticista. De acordo com o pesquisador, o paradigma mecanicista da alfabetização entrega o paradigma do estruturalismo, que ganha maior expressão no final do século XX.

Para ele, prática da alfabetização concentra-se exclusivamente no desenvolvimento das habilidades específicas de codificar e decodificar o código escrito, associando diretamente a fala a uma representação gráfica.

A alfabetização mecanicista é estritamente instrumental, uma fase anterior e imprescindível à própria escolarização do indivíduo, pois através dela, objetiva-se exclusivamente garantir ao aluno a possibilidade de ter acesso à língua da escola. A forma escrita da língua oral, (Senna, 1995: 224).

O mecanismo é a base da maioria dos métodos de alfabetização a todos na sala de aula do Brasil e de todo o mundo. Segundo a proposta Curricular para dominar o mecanismo de escrita é necessário que o indivíduo conheça as letras, pois são signos que o nosso sistema de reprodução utiliza. Também é necessário compreender a relação entre letras e sons da fala.

Considerado o mais antigo, o método da silabação é contribuição direta da silabação é contribuição direta da psicologia comportamentalista e consistem na imposição de exaustivos exercícios de reprodução de sílabas, ancorados na ideia de que a repetição gera conhecimento.

O surgimento do método fônico e da palavração marca o início de rompimento com a psicologia estruturalista, assume o suposto equivocado de que letras (grafemas) e voguem sinais equivalentes aos fonemas, a representação mental dos sons da fala. Já os métodos da palavração são orientados pelas premissas da psicologia da Gestalt, segundo a qual o conhecimento é derivado de estados mentais que processam naturalmente os sinais do mundo captados pelo aparato sensorial humano. Nesse contexto, a aplicação desse método consiste em experiências de desenvolvimento de percepção e na estimulação dos sentidos por meio da exposição ostensiva de palavras em sala de aula.

Para os defensores do paradigma mecanicista, a eficácia do ato de alfabetizar se restringe ao aprendizado de técnicas, ou seja, o alfabetizar se restringe à aplicação de técnicas destinadas a promover a descoberta da escrita, aparte da estrutura da fala. O que observamos e ainda se observa, uma vez que essa prática de alfabetização ainda é que, quer seja partindo da sílaba para a palavra, do grafema para sílaba ou da palavra o grafema, os métodos mecanicista jamais contemplaram a textualidade discursiva, ou seja, dinâmica do processo de interação com o texto, tomando em suas condições reais de comunicação entre objetiva.

Mais tarde, as críticas à palavração sofreriam severas críticas, primeiramente por Freire, ao alegar que palavras sem sentido na vida dos alunos não levam à construção de escrita alguma, e mais tarde pelos seguidores da linguística do texto, alegando que a unidade da comunicação humana não é a palavra e sim, a sentença empregada em texto.

O paradigma linguístico foi incorporado à teoria de alfabetização, quando se estabelece a convicção de que entre a língua escrita e a língua oral não há relação direta preconizada na alfabetização mecanicista. Tal ruptura se estabelece a partir das contribuições teóricas das ciências como a sociologia e a, sociolinguística e das novas concepções saber

ensino aprendizagem nas áreas da psicologia e da educação. Alguns fatores tiveram forte influência, como por exemplo, a teoria de LABOV (1996). Esta teoria demonstrou que as línguas estão sujeitas a se transformar no tempo e no espaço, num processo evolutivo inadiável e encontrável por leis externas. Por outro lado, a legitimação da língua oral na sociedade como expressão individual e sociocultural, enfraquece a hegemonia da língua escrita que havia se estabelecido, até antes, como um código a serviço das classes sociais dominantes.

A prática alfabetizadora semanticista é revolucionária, pois não se sustenta num método, tal como nos paradigmas anteriores, mas, sim, em práticas mobilizadoras dos alfabetizados, que devera descobrir o processo por meio do qual se contrai ou se interpreta a mensagem não oral.

É neste contexto, e particularmente no Brasil no ano de 1976, com a publicação do livro psicogênese da língua escrita, que se desencadeia um movimento que ficou conhecido como construtivismo inspirado na Epistemologia genética de Jean Piaget, que tinha como objeto de estudo o funcionamento da inteligência humana. Para Jean Piaget a inteligência é um dom inato, cuja funcionalidade se desenvolveu, ao mesmo tempo, por predisposição mero-fisiológica ao longo do período de maturação cognitiva e pelo sujeito da realidade do mundo. Esta teoria foi adaptada para a alfabetização pela psicologia argentina, Emília Ferreiro, ela usou uma teoria para pesquisar especificamente como a criança constrói o conhecimento durante o processo de construção da escrita.

Apesar de todos os métodos de alfabetização apresentar falhas comprometedoras de sua eficiência, algumas crianças, jovens e adultos alcançam o sucesso e outros entram grandes dificuldades ou até mesmo impossibilidades em seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Tais métodos não garantem a aprendizagem da leitura e da escrita, o que torna necessário pensar em outros fatores a serem considerados determinantes do sucesso escolar.

O método de Paulo Freire consiste na apresentação de palavras geradoras. Seu método de alfabetização é resultado de muitos anos de trabalho, e reflexões de Freire no campo da educação, sobretudo na de adultos em regiões proletárias urbanas e rurais, de Pernambuco. No processo de aprendizado, a articular sílabas, formando palavras, extraídas da sua realidade, do seu cotidiano e das suas vivências. O método Paulo Freire está estruturado em três etapas.

1ª etapa investigação: O aluno e professor buscam, no universo vocabular do aluno e da comunidade onde ele vive (Estudo de vida). Segundo Beisiegel:

O método começava por localizar e recrutar os analfabetos residentes na área escolhida para os trabalhos de alfabetização. Prosseguia mediante entrevista com os adultos inscritos nos “círculos de cultura” e outros habitantes selecionados entre os mais antigos e os mais conhecedores da realidade. Registravam-se literalmente as palavras do entrevistado a propósito de questões referidas às diversas esferas de suas experiências vividas na família, no trabalho, nas atividades religiosas políticas recreativas etc. O conjunto das entrevistas oferecidas á equipe de educadores uma extensa relação das palavras de uso corrente na localidade. Essas relação era entendida como representativa do universo vocabular local e delas se extraíam as palavras geradoras - unidade básica na organização do programa de atividades e na futuras orientação dos debates que teriam lugar nos “círculos de cultura” (BEISIEGEL, 1974, P. 165)

2ª etapa tematização: Aqui eles codificam e decodificam esses temas buscando o seu significado social, tornando assim consciência do mundo vivido.

3ª etapa problematização: Alunos e professores buscam superar uma primeira visão mágica por uma visão crítica do mundo, partindo para a transformação do contexto vivido. “A problematização nasce da consciência que os homens adquirem de si mesmos que sabem pouco a próprio respeito. Esse pouco saber faz com que os homens se transforme e se ponham a si mesmos como problema” (GEORGE,1981:78)

O processo proposto por Freire inicia-se pelo levantamento do universo vocabular dos alunos. Através de conversas informais, o educador observa os vocábulo mais usando pelos alunos e comunidades e assim seleciona palavras que servirão de base para lições. A quantidade de palavras geradoras pode variar de 18 a 23 palavras, aproximadamente. Depois de composto o universo de palavras gerando, elas são apresentadas em cartazes com imagens. Então, nos círculos de cultura inicia-se uma discussão para significados, cada palavra geradora passa a ser estudada através da divisão de silábica, com a mudança da vogal (ex. BA-BE-BI-BO-BU). Depois, são apresentadas as palavras novas, usando as famílias silábicas já conhecidas, o grupo forma palavras novas. Finalmente, na ultima etapa, há a conscientização. Um ponto fundamental do método é a discussão sobre os diversos temas surgidos a partir das palavras geradoras.

Para Paulo Freire (1983), alfabetização nas pode se restringir aos processas de codificação e decodificação. Dessa forma, o objetivo da alfabetização de adultos é promover compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social.

#### **2.4. O Processo Ensino-Aprendizagem**

Se analisarmos a situação atual da prática educativa em nossas escolas identificaremos problemas como: A grande ênfase dada à memorização, pouca preocupação com o desenvolvimento de habilidades para reflexão crítica e alta crítica do conhecimento que aprende: As ações ainda são centradas nos professores que determinam o que e como deve ser aprendido e a separação entre educação e instrução.

A solução para tais problemas está no aprofundamento de como os educandos aprendem e como o processo de conduzir à aprendizagem.

O processo de ensino aprendizagem tem sido historicamente caracterização de formas diferentes que vão desde o papel do professor como transmissor de conhecimento, até as concepções atuais que concebem o processo de ensino-aprendizagem com todo integrado que destaca o papel do educando.

#### **2.4.1. Concepções do Processo Ensino-Aprendizagem**

O processo ensino aprendizagem tem como objetivo de transmissão do acervo cultural, perseverança, aplicação e disciplina. Através do esforço próprio se alcança o sucesso, sendo, portanto as diferenças individuais a favor que determina as diferentes posições assumidas pelas indivíduos na sociedade.

O processo ensino-aprendizagem tem como objetivo orientar e incentivar o aluno da constituição do conhecimento, tendo em vista o conhecimento de sua inteligência e, conseqüentemente, a formação da personalidade. As situações de ensino-aprendizagem devem partir da necessidade e interesses do educando.

O processo ensino-aprendizagem consiste num arranjo de contingências de reforço que possibilitam ou aumentam a probabilidade de ocorrência de uma repôs desejada.

A concepção de que o processo de ensino-aprendizagem é uma unidade dialética entre a instrução e da educação esta associada à ideia de que igual característica existe entre ensinar e aprender. Esta relação nos remete a uma concepção de que o processo de ensino-aprendizagem tem uma instrutora e um funcionamento sistêmico, isto é, esta composta por elementos estreitamente inter-relacionados.

Todo ato educativo obedece a determinados fins e propósitos de desenvolvimento social e econômico e em consequência respondem a determinados interesses sociais, sustentam-se em uma filosofia da educação, adere a concepções epistemológicas específicas, leva em conta os interesses institucionais e, depende, em grande parte das características,

interesses e possibilidade dos sujeitos participantes, alunos professores, comunidades escolares e demais fatores do processo. Para que o processo ensino-aprendizagem possa gerar possibilidades de emancipação é necessário que os professores compreendam a razão de ser dos problemas que enfrentam e assumam o papel do sujeito na organização desse processo.

## **2.5. Alguns desafios**

Partindo do princípio de que não há educação sem utopia, qualquer o esforço educativo se relaciona com a vontade de construir uma sociedade melhor. A educação de jovens e adultos precisa ser assumida no âmbito de uma concepção mais ampla, que contemple os múltiplos processos de formação. Nessa direção a educação continuando, que implica apropriação, criação e aquisição de nova competência ao longo da vida é mobilidade que mais se aproxima do ideário da EJA. Para que essa educação se concretiza é preciso pensar o educador de EJA como profissional em formação. A valorização desse educador se dá considerando a relevância da sua função perante uma sociedade que necessita pensar e propor alternativas de vida e trabalho para uma parcela expressiva, da população, que se encontra, de um lado, excluída e de outro, á vida por se incluir em processo significativo de formação. Para tal, se faz urgente investir na profissionalização do trabalhador em serviço. É necessário investir na docência, o que requer do tempo para formação desse profissional.

O fundamental prosseguirem os esforços, para que se garantam o acesso e a permanência dessa população em processo educativo de quantidade. Qualidade que se expressa em indicadores que representam avanços como, por exemplo, o direito ao tempo para aprender em lugar de proposição de programas aligeirados.

O momento na América Latina aponta para um grande desafio, que é de construir alternativas próprias para as necessidades de desenvolvimento dos nossos países. Pensar a educação como um dos fatores do desenvolvimento é procurar superar as características importantes pelo modelo neoliberal das políticas sociais.

### **2.5.1. Como acontece o Processo de Alfabetização e Letramento na EJA?**

A alfabetização tem sido entendida tradicionalmente como um processo o processo de ensinar e aprender ler e escrever. Ela é uma das bases fundamentais para a inserção do ser humano na sociedade. Através dela, passamos a receber o mundo de uma maneira diferente e

única. Diante disso, é possível mostrar a sua importância aparte da alfabetização de jovens e adultos. Embora alfabetizar nos garante o usufruto pleno da linguagem escrita.

Se um jovem ou um adulto sabe ler, mas não é capaz de ler um livro ou jornal, se sabe escrever palavras, frases, mas não é letrada. Portanto nas sociedades letradas, ser alfabetizado é pouco para vivenciar completamente a cultura escrita e responder as exigências das sociedades atuais.

Mas, diante disso, qual é a concepção de letramento? Segundo Soares (2000b, P.15), a palavra “letramento” surgiu do discurso dos especialistas nas áreas de educação e ciências da linguagem na segunda metade dos anos 80. Uma das primeiras ocorrências está no livro de MARY KATO, de 1985, em que a autora afirma que a chamada norma padrão, ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo por que indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem institucionalmente a culta.

É importante dizer, que mesmo Mary Kato não tendo definido com clareza o que é letramento, é observável em todos os textos que ser letrados não é apenas saber ler e escrever. Sabe-se que a palavra letramento é uma versão para o português da palavra inglesa “literacy” que pode ser traduzido como condição ou estado que assume aquele que aprende a ler e escrever. Segundo Soares (OP, CR.) está implícita no conceito de “literacy” a ideia de a escrita traz consequências sociais culturais, políticas, econômicas, cognitivos linguísticas, que para o grupo social em que seja traduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-lo. No entanto para PAULO FREIRE o letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com as práticas de linguagem no seu mundo social. E que o conceito de alfabetização tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois enquanto prática discursiva, possibilita uma leitura crítica da realidade do indivíduo.

A constatação da existência de uma prática de leitura ainda é bastante confusa ou quase inexistente na educação de jovens e adultos (EJA).

### **3. METODOLOGIA**

Na realização dessa pesquisa buscarei primeiramente, encaminhar minha investigação através de leituras de livros e revistas. Darei continuidade na sala de aula na qual irei observar o desenvolvimento do aluno, entrevistando o professor da EJA e seus alunos será o estudo realizado na Escola Carolina de Farias Pimentel, que se localiza no sítio Palmeira.

Dessa forma observarei bem o aluno, identificando sua dificuldade ao desenvolver a leitura, procurando valorizar o que cada um traz em seu conhecimento. Quanto a apresentação do trabalho é um estudo de caso, pois nele tratasse de verificar as dificuldades do aluno na leitura de texto.

A pesquisa será participante, pois acontecerá numa turma de EJA na qual já fui professora dos educandos.

Com a realização dessa pesquisa facilitara e aprimorar a relação de professor e aluno.

O analise qualitativo dessa pesquisa é buscar o aprimoramento direto do pesquisador.

Buscarei trabalhar de forma bem dinâmica envolvendo todos os membros da escola, professor, alunos e os demais.

### **3.1. Procedimentos**

Para fazer esse analise escolhi a instituição de Ensino Fundamental Carolina de Farias Pimentel. Esta localizada no Sitio Palmeira (ZONA RURAL) município de Cuitegi.

No entanto foi na mesma que tive o prazer de ter minha primeira experiência como educadora desse público tão carente de leitura, e ao mesmo tempo, com muitas sabedorias e historias vivenciada nos seus dia a dia.

Trabalho nessa escola á cinco anos na educação de jovens e adultos, no programa Brasil Alfabetizado. Ao trabalha nessa docência, com esses sujeitos de EJA, tive interesse em aprofundar um pouco, mas na historia de vida desses indivíduos, que fazem parte dessa instituição de ensino nesse município. Podendo assim, identificar a dificuldade que o aluno tem ao desenvolver a leitura na educação da EJA nessa instituição.

Ao morar nessa localidade e ao presenciar o cotidiano de cada um deles, despertou em me o interesse de fazer essa pesquisar nessa escola. Pois a maioria desses alunos que hoje faz parte da educação da EJA, já foram meus alunos, no programa Brasil Alfabetizado. Na alfabetização de jovens e adultos.

No entanto conheça a historia de vida e a dificuldade que esses educandos têm ao desenvolver a leitura de texto.

### **3.2 Sujeito:**

Os sujeitos dessa pesquisa são os alunos de EJA e o professor do ensino de jovens e adultos da escola Carolina de Farias Pimentel, estar localizada no sitio palmeira, no município de Cuitegi. Na qual foi realizada observações e entrevistas com os mesmos, na turma de



primeiro, segundo, terceiro e quarto seguimento da EJA. Tratasse de uma turma multe seriada de 1º ao 4º ano, que tive o prazer de aprofundar minhas investigações.

### **3.3. Diagnostico da Escola**

A escola Carolina de Farias Pimentel, fundada no ano de 1977, na administração do prefeito Antônio Cunha Dantas, escola que recebeu este nome em homenagem a uma moça descendente da família Pimentel, família essa muito rica e de muita influência na região, proprietários de grande parte das terras do município de Cuitegi – PB, Carolina de Farias Pimentel, filha de João Farias Pimentel e de Finalista de Pimentel, nasceu e se criou no engenho Espinho, não se casou, apenas cuidava de seus pais, após o falecimento de seus pais a moça passou administrar os negócios e as terras da família, no ano de 1977, Carolina fez a doação de um pedaço de terra onde foi construída uma escola no sitio Palmeira, cujo levou seu nome e está erguida funcionando ate o presente ano. Carolina era uma moça católica e muito caridosa, faleceu com a idade aproximadamente de 50 a 60 anos, os tempos se passaram, mas sua lembrança está viva na vida dos moradores de Cuitegi. Principalmente nos moradores do Sitio Palmeira, a escola fundada os três turnos, oferecendo educação infantil, ensino fundamental do 1º ao 5º ano e EJA da 1º á 4º série, totalizando 66 alunos nos três turnos, no ano de 2014.

#### **3.3.1. Estrutura Física de Organização da Escola**

A escola funciona nos turnos, matutino, vespertinos e noturnos, conta com um prédio relativamente pequeno bem conservado, onde funciona uma sala, uma secretaria, uma sala de coordenação pedagógica, uma cozinha, um acervo de livros que se encontra na sala de coordenação.

### **3.4. Recursos didáticos e Equipamentos disponíveis**

A unidade escola mesmo sendo pequena, é bem equipada pedagogicamente, dispôs de recursos áudio visuais e tecnologia como: vídeo, DVD, Microsystems, retroprojeter e recursos pedagógicos como: jogos, livros, CD's e DVD's, alfabeto móvel, matérias dourado, ábaco e mapas.

### Quadro Demonstrativo do Aluno da Escola

JARDIM 1°	13 ALUNOS
JARDIM 2°	04 ALUNOS
1° ANO	04 ALUNOS
2° ANO	05 ALUNOS
3° ANO	04 ALUNOS
4° ANO	14 ALUNOS
5° ANO	04 ALUNOS

### Quadro demonstrativo dos Alunos da EJA

1ª SERIE	04 ALUNOS
2ª SERIE	09 ALUNOS
3ª SERIE	03 ALUNO
4ª SERIE	02 ALUNOS

Detalhamento das dificuldades e ações a serem desenvolvidas:

Dificuldade;

Trabalhar com turmas multimercados;

A falta de água na sala de aula;

A demora de instalação da sala multifuncional para os alunos portadores de deficiência;

A falta de um profissional para a vigilância da escola;

Diretor - Josemar Barbosa Lira-gestor pós-graduação.

### 3.5. Instrumento

A partir das observações e entrevistas feitas com professor e alunos em sala, foi possível constatar que os métodos utilizados pelo professor não são coerente com a real realidade desses educando. No entanto o mesmo apresenta dificuldade em trabalhar a leitura com a turma de EJA desse município.

Em relação aos alunos, foi diagnosticado que a dificuldade apresentada por eles em desenvolver a leitura é pela falta de dinamicidade e conteúdos significantes para as suas vivências atuais.

#### 3.5.1 Análise da pesquisa

No dia 09 de junho de 2014 no turno da manhã fui à escola Carolina de Farias Pimentel, falar com o gestor Josemar Barbosa de Lima sobre a minha observação no ensino da EJA naquela instituição. O mesmo me recebeu muito bem, me certificou que iria comunicar ao professor da EJA José Arimatéia dos Santos, a respeito da observação em sua sala.

No dia seguinte o professor Arimatéia me ligou, autorizando fazer a observação na turma de EJA.

Iniciei a observação na turma de EJA no dia 10. Sendo ministrada pelo professor Arimatéia.

Ao chegar à sala fui muito bem recebida pelo professor e seus alunos, logo em seguida apresentei-me a turma. A seguir se deu aos procedimentos metodológicos.

Foram 05 dias de observação, durante esse período foi feita entrevista com o titular da turma e seus alunos. Na qual tem como objetivo diagnosticar a dificuldade no desenvolvimento na leitura de texto nos alunos da EJA nesse município.

A parte da experiência que tenha como professora e moradora da comunidade local. Diante dos dados levantados foi possível constatar que os perfis dos estudantes, em sua maioria são adultos.

Homens e mulheres trabalhadores rurais, que passam o dia comprido com suas obrigações como trabalhadores do campo. À noite procuram no ensino da EJA, a possibilidade de um conhecimento mais abrangente. Conhecimento esse, que não tiveram quando mais jovem, que é o conhecimento da escrita e da leitura.

Durante a observação foi constatado que alguns destes alunos que frequentam a escola, de acordo com os dados coletados, não conseguem nem mesmo terminarem um período do ano letivo, devido o cansaço físico.

## **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

### **4.1. Depoimento do professor**

Muitas vezes eles não conseguem lembrar algumas letras e quando estão escrevendo confundem as letras. Eles são inseguros na hora de escrever.

Segundo o professor muitas vezes acontece dele esta explicando um determinado assunto, e ao olhar para os lados o aluno esta dormindo. Desse modo o professor tem dificuldade de ensinar, enquanto o aluno tem dificuldade de desenvolver a leitura.

A compreensão é muito limitada tanto na interpretação como na escrita, por mas que eu ensine ele tem dificuldade.

## 4.2. Depoimento dos alunos

Não consigo forma palavras, não entra na minha cabeça, são palavras diferentes e complicadas. (aluna A, 48 anos).

Inicialmente, para uma melhor compreensão do sistema aprendizado da leitura e da escrita, na alfabetização de jovens e adultos vale ressaltar o que nos aponta Paulo Freire (1986). O aprendizado deve parti da realidade do aluno.

Eu sei escrever mais não consigo ler, (aluna B, 62 anos).

Percebe-se que alguns têm dificuldades em assimilar as diferenças entre a linguagem escrita e a linguagem oral.

Quando voltei a estudar disse para me mesma, vou aprender a ler e escrever, para que ninguém me chame de burra, (aluna C, 47 anos).

Ler e escrever para esses indivíduos, tem um grande significado, é uma forma de saírem do analfabetismo e resgatarem sua dignidade. Como fala Paulo Freire (1974). Ao afirmar que, diariamente esses indivíduos são tachados pela sociedade como alguém incapaz de aprender e de mudar o rumo da sua historia.

Notam-se muitos desejam a certificação enquanto buscam um maior conhecimento e qualificação, pois alguns deles, não tiveram a oportunidade de estudo e outro não corresponde com o êxito no ensino regular, ou estarem afastado da escola por necessidade de trabalho. No entanto retornam a mesma para melhorar seu grau escolar, e poder ser visto pela sociedade como pessoas dignas e qualificadas, prontas para conviver nesse meio social.

Eu tenho dificuldade de aprender algumas palavras que o professor fala e escreve, são palavras complicadas, diferentes, difíceis de aprender. (Aluna D).

Como educadores do ensino de EJA devemos trabalhar com palavras claras de faço entendimento, de preferência a realidade do aluno, o seu dia a dia. Como nos diz Paulo Freire(1986): o aprendizado deve parti da realidade do educando. E dessa forma ele terá á facilidade de compreender o que queremos passar para cada um deles.

O aprendizado da leitura e escrita não pode ser feita como algo da realidade do educando. Enquanto aprendem a ler e escrever precisa perceber a necessidade de desenvolver uma visão critica. Mas que ler e ver, asa e da

ave, os alfabetizando, o de escrever sua vida, o de ler a sua realidade, o que não será possível de não tornaram a historia nos meios para fazendo-a por elas serem feitas e efetuadas (FREIRE, 1968 P. 18).

Nota-se que o professor tem dificuldade de adequar o livro didático com a realidade do educando. Nas maiorias das vezes o aluno de EJA sente desnecessário tal ensinamento com o seu mundo, sua vivencia.

Eles, ou melhor, dizendo, o próprio livro parecia possuir “a varinha mágica” da interpretação e o aluno não tinha oportunidade alguma de sugerir outras interpretações possíveis ao texto. Os professores eliminavam a etapa reflexiva da leitura ao fazer com que os alunos se encaixasse na interpretação fornecida no manual do professor certo, pronta acabada. (CAPORALINI, 1996, P. 105).

Para que o aluno de EJA tenha uma compreensão melhor, do que estamos tentando passar para eles. Devemos se aprofundar na historia de vida de cada um. Além do mais temos que aproveitar todos seus conhecimentos no trabalho saúde, vida familiar, e trazer tudo isso, estaremos aproveitando o conhecimento trazido de casa.

Dessa forma a aula será mais interessante e significativa para o professor e aluno. Paulo Freire concorda que o papel do educador é mediar a aprendizagem, aprendizado, nesse processo, a bagagem de conhecimento trazido por seus alunos, ajuda-os a transporta esse conhecimento para o da escrita e da leitura.

São homens, mulheres e jovens que já tem construído sua visão de mundo, já possuem seus pensamentos elaborados, e a partir dos quais compreendem o mundo.

Trabalhar com a EJA é saber disso e sair em busca dessa forma diferenciada de ensinar aprender. Onde ambos, professor e alunos se reconhecem como sujeito que carregam uma aprendizagem e vivencia que os torna capaz de alcançar seus desejos e aspirações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização dessa pesquisa foi constatado que determinados alunos não conseguiam desenvolver a leitura. Percebe-se que alguns alunos não conseguiram interpretar as questões proposta no questionário, no entanto recorriam a aqueles que tinham certo domínio de conhecimento sobre o assunto, Ficou evidente que apresentam pouco entendimento do que estão lendo.

Para que as habilidades em relação ao ensino da leitura sejam alcançadas, faz-se necessário o empenho e envolvimento de todos, englobando mudanças de métodos de ensino, como formação e trabalho do professor e hábitos de estudo e interesse do aluno.

Ao trabalhar com jovens e adultos, o educador deve estar ciente de que seu educando é um cidadão com experiências, geralmente frustradas em relação à escola e por isso deve ser estimulado a despertar para sua autoestima e perceber que ele é também um sujeito histórico. Na verdade esses educando são trabalhadores que chegam com saber elaborado a partir de suas relações sociais e experiências de vida. É importante consideramos, ainda, que esses educando trazem com eles sua complexidade, sua história, possuem um saber prévio construído através de sua trajetória e necessitam que sejam considerados legítimas as suas necessidades e expectativas.

No entanto um dos principais passos para motivar o aluno de EJA é a valorização do conhecimento trazido de casa e o reconhecimento como portadores de cultura e saberes. Depois de um dia de trabalho, esses jovens e adultos procuram no ensino de EJA um pouco de atenção e compreensão, no qual despertara o desejo de voltar à escola.

Um educador de EJA precisa cumprir a tarefa de buscar meios que ajudem a facilitar o aluno a desenvolver a leitura, podendo assim tornar usuário da língua escrita, de forma que valides seus saberes da experiência, em uma sociedade que realmente os aceite explicitamente, e não de forma velada, e os coloquem em seus devidos lugares, como sujeitos sociais que desempenham papéis fundamentais na produção de bens materiais e culturais importantes para a manutenção da sociedade.

Percebe-se que a escola não vem dando a devida atenção a esta modalidade, se observa pela falta de dinamicidade no processo de aplicações do método que sempre são adequados ou interessantes, contribuindo para que o insucesso da aprendizagem desses alunos, uma vez que vai a escola após uma longa jornada de trabalho, dificultando o aprendizado e o desenvolvimento da leitura, devida o cansaço físico.

A escola pode contribuir muito para um ensino diferenciado com a aula, mais dinâmica, e inovadora e que desperte a participação dos discentes, proporcionada e incentivada o se dedicarem a produção textual, dessa forma será possível comunica-se e expressar-se bem, através do desenvolvimento da leitura e da escrita.

Com a realização desse trabalho após as leituras de autores que abordam o assunto e entrevistas que foram feitas com professor e alunos, chegou ao entendimento que surge da necessidade de se expressar-se, que a turma de EJA desse município apresenta dificuldade de desenvolver a leitura e escrita.

O trabalho imposto foi de fundamental importância para que se pudesse entender a real situação da EJA, pois escrever é de suma importância para nossa vida, ficando bem claro no trabalho exposto, pois falar é bem diferente da escrita, embora se utilize o mesmo sistema linguístico.

## REFERÊNCIAS

PAULO, Freire. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a pratica da educativa**, 15<sup>a</sup> ed.. São Paulo: paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**, São Paulo: cartez, 1982.

Internet [www.catedraunescoejia.org/gto5/.com016.pdf](http://www.catedraunescoejia.org/gto5/.com016.pdf).

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. 8<sup>a</sup> edição. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: contexto, 2005.

BARBOSA, Maria Inês Afonso. (1982).**O método de educação política de adultos em Paulo Freire**. Dissertação de Mestrado,URFJ.jan